

**Resumo:** O artigo começa apresentando a dinâmica do Sínodo, a partir do texto “Lineamenta”, enviado às Igrejas particulares. A Igreja do Brasil, além das contribuições particulares, remeteu à Secretaria do Sínodo as “Diretrizes gerais da Ação Evangelizadora da CNBB 2011-2015”. As propostas aprovadas no Sínodo, realizado em outubro de 2012, foram entregues ao Papa, então, Bento XVI. Como o advertiu João Paulo II, a “nova Evangelização” não é um “novo Evangelho”, que surgiria de nós mesmos e não de Cristo. Por isso, a transmissão da Fé, da mesma Fé, está no centro da Nova Evangelização. O autor faz a seguir várias alusões à carta apostólica Porta Fidei, de Bento XVI, convocando para o “Ano da Fé”. Quanto aos ecos “do” Sínodo, ele menciona a Mensagem dos Padres sinodais ao povo de Deus, com os comentários que suscitou, e a criação do Pontifício Conselho para a Nova Evangelização, além, é claro, das mencionadas “propostas”, entregues ao Papa. Quanto aos ecos “no” Sínodo, o autor lembra a repercussão que nele teve o Documento de Aparecida, especialmente o seu espírito. Da “cultura do encontro”, tão enfatizada pelo papa Francisco, é que nasce o dis, cipulado e a missionariedade, que não admitem uma Igreja “autorreferencial”. O autor conclui aludindo a um “eco maior” da Nova Evangelização: o próprio modo de ser e agir do novo Bispo de Roma.

**Abstract:** The article begins by introducing the dynamics of the Synod in the light of the text “Lineamenta” which had previously been sent to all of the Catholic churches. The Church in Brazil forwarded it the Secretariat of the Synod along with the “General guidelines concerning the activity of Evangelization issued by the CNBB 2011-2015”. The proposals approved by the Synod, held in October of 2012, were handed over to the Pope, Benedict XVI. As it was made clear by the Pope John Paul II, the “new Evangelization” is not a “new Gospel” which would have its origin in us but not in Christ. Therefore, the transmission of faith consists of the same faith which is centered in the New Evangelization. Additionally, the author makes various allusions to the apostolic letter Porta Fidei of Benedict XVI, in the convocation to the “Year of Faith”. As regards the echoes of the Synod mention is made of the message of the Fathers of the Synod delivered to the people of God, together with the commentaries pertaining to the event as well as the foundation of the Pontifical Council for the New Evangelization together with the “proposals”, handed over to the Pope. As regards the “echoes resounding in the” Synod the author mentions the general impact which the Document of Aparecida had all around specially its spirit pervading the content. Truly, the “culture of a mutual meeting” which was emphasized by the Pope Francis gives rise to discipleship and missionary activity which do not admit the nature of a Church “as a reference to her”. The author concludes with an allusion to a “major echo” of the New Evangelization in terms of its own manner of being and acting of the bishop of Rome.

## Nova Evangelização para a transmissão da fé Ecos do Sínodo dos Bispos

† Leonardo Ulrich Steiner\*

\* O Autor é Bispo Auxiliar de Brasília e Secretário Geral da CNBB. é Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Antonianum de Roma.



## Introdução

Agradeço o convite para participar da Semana Teológica que tem como tema de reflexão “Nova Evangelização e teologia, em diálogo com o mundo moderno”. O diálogo é uma exigência dos nossos dias. Dia-logos, “dialogus”, “conversação”, “falar, conversar”. Tem a força de duas palavras: *dia*, que significa “através”, + *legein*, “falar”. Possibilitar no *logos* o “aparecer”, o nascer da verdade. Poderíamos, talvez, dizer no movimento da palavra, do logos, estar na ausculta, na sondagem, no perscrutar. Assim, diálogo abre a perspectiva do não saber, da superação do já apreendido, da abertura de um horizonte de manifestações de raiz. Estamos sempre na sondagem, pois nos foi dada a graça de sermos o que somos: “perscrutantes”, pensadores. Somos, sem deixar de ser o que somos, provocados à consumação de uma vida. O movimento da consumação acontece na abertura à cotidianidade, à época que nos foi dado viver. Estamos sempre na provocação do tempo vivido. Experimentamos o tempo a partir da fé, ou a fé nos possibilita experimentar o tempo que nos é dado viver.

Como nos foi dado pensar, encontramos-nos na busca do conhecimento do nosso tempo, mas também da teologia e da evangelização. “Conhecimento” pode ser entendido como co-nascimento. No trabalho cotidiano do estudo é-nos dada a possibilidade de nascer, de vir à luz, de sermos dados à luz. Estudo como sondar, como perscrutar, como fuga de tudo o que possa parecer acúmulo de informações, dados, autores, citações. Sondar, mais que um movimento de aproximação da nossa parte, é silenciar, esvaziar, na possibilidade da manifestação do sentido sustentador das realidades e, nosso caso, a realidade fundante da teologia e da própria evangelização, a fé.

O primeiro tema proposto é a “Nova Evangelização para a transmissão da fé – Ecos do Sínodo dos Bispos”. A minha abordagem não será teológica. A teologia tem um logos próprio e, por isso, uma exigência própria, um modo próprio de deixar vir à fala o Logos, a Deidade, como nos diz Mestre Eckhardt.<sup>1</sup>

O que segue tenta apenas e simplesmente trazer à reflexão a nova evangelização para a transmissão da fé como ecos, como vibrações de uma ausculta em que nos encontramos no momento na Igreja. O Sínodo

<sup>1</sup> MESTRE ECKHART, *Sermões alemães II*, Editora Universitária São Francisco, Editora Vozes, 2008.



foi um eco das buscas de modos da transmissão da fé. Percebemos uma preocupação e mesmo uma necessidade de buscarmos caminhos que possibilitem o anúncio da manifestação de Deus no meio de nós em Jesus Cristo. Portanto, nada de novidades, de indicações do como, mas apenas despojadamente um respigar das buscas no tempo de mudança radical. Os ecos da nova evangelização vão para além do Sínodo celebrado no mês de outubro do ano passado em Roma.

Vamos seguir a nossa reflexão assim como proposto: Nova Evangelização para a transmissão da fé; ecos do Sínodo. Percorreremos o caminho da nova evangelização recordando as preocupações e indicações de Paulo VI, João Paulo II e Bento XVI. A nova evangelização tem seu sentido maior, pois expressa o próprio da Igreja: evangelizar. Evangelizar, isto é, transmitir a fé. Talvez, mais que ecos do Sínodo, poderíamos perceber as preocupações e as experiências das diversas Igrejas que ecoaram no Sínodo.

## 1 O Sínodo – sua dinâmica

Os trabalhos sinodais têm início com o envio às Igrejas Particulares do texto “*Lineamenta*” preparado por uma comissão. As contribuições ao texto fazem surgir o “*Instrumentum laboris*”. Ele serve como subsídio aos Padres sinodais, mas não é um texto a ser discutido, modificado, aprofundado.

A maior contribuição enviada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB, foram as *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2011 – 2015*. As contribuições vindas dos Regionais da CNBB, de Dioceses e de pessoas individualmente também foram enviadas. Mas, a maior contribuição que poderíamos enviar para o *Instrumentum Laboris*, foram as Diretrizes para a Evangelização.

Durante quase 10 dias os Padres sinodais escutam, anotam as contribuições que surgem das intervenções dos participantes. Os participantes são os bispos eleitos pelas Conferências episcopais e nomeados pelo Santo Padre, os bispos nomeados diretamente pelo Santo Padre; participam também como observadores representantes de outras igrejas, da vida consagrada, dos leigos, dos movimentos. Na medida do possível, todos usaram da palavra durante cinco minutos.

Os pronunciamentos não foram, necessariamente, a partir do “*Instrumentum Laboris*”. Observados os cinco minutos para cada inter-



venção, havia liberdade na escolha dos temas. Os temas foram muitos, abordados de modos diferentes e mesmo repetidos. Depois de 10 dias, tínhamos diante dos olhos um belo mosaico da realidade da Igreja presente em todo o mundo.

As intervenções na aula sinodal foram recolhidas por uma comissão presidida por um cardeal. Realizada a apresentação da relação das intervenções, seguiram-se os trabalhos de grupos linguísticos. Os grupos tinham como tarefa formular proposições que seriam votadas. O trabalho nos grupos foi um momento rico, demonstrando a diversidade de compreensão da nova evangelização. Cada um dos participantes podia apresentar uma ou mais proposições, que eram votadas e enviadas para uma Comissão que buscou reunir todas as proposições dos diversos grupos de trabalho.

Essas proposições foram novamente apresentadas no plenário, para depois serem votadas. Todas as proposições que foram apresentadas para votação foram aprovadas.

Elas foram entregues ao Santo Padre como contribuição para uma mensagem *pós-sinodal* sobre a Nova evangelização para a transmissão da fé. A Comissão dos representantes dos diversos continentes já terminou a sugestão de um texto entregue ao Santo Padre Francisco para uma mensagem *pós sinodal*. Ainda que rapidamente, podemos perceber a dinâmica do Sínodo.

Houve durante os dias de trabalho a construção de uma mensagem que foi enviada ao Povo de Deus. Uma Comissão escolhida e nomeada pelo Santo Padre apresentou uma proposta de texto que foi refletida pelos Padres sinodais e, depois de receber modificações, foi votada e enviada pelo Sínodo às Comunidades da Igreja, com o título “Mensagem ao Povo de Deus”.

## 2 A Convocação do Sínodo – um caminho

A Nova Evangelização é um despertar, acordar para a missão própria da Igreja: evangelizar. Missão de todo cristão como Igreja, como membro do Povo de Deus, como aquele, aquela que foi revestida de Cristo (cf. Gl 3,27). Significa, “procurar infatigavelmente anunciar o Evangelho a todos os homens”.<sup>2</sup>

<sup>2</sup> CONC. ECUM. VATICANO II, Decr. sobre a Atividade Missionária da Igreja, *Ad Gentes*, n,1: AAS 58 (1966) p. 947.



Poderíamos dizer que o caminho da Nova evangelização teve início com o Concílio Ecumênico Vaticano II. A seguir, Paulo VI expressou a necessidade de “rever os métodos, procurar, por todos os meios ao alcance, estudar o modo de fazer chegar ao homem moderno a mensagem cristã, somente na qual ele poderá encontrar a resposta às suas interrogações e a força para o seu anseio de solidariedade humana”.<sup>3</sup> Tendo diante dos olhos “o patrimônio da fé”, é dever da igreja “apresentar aos homens do nosso tempo (...) de maneira compreensível e persuasiva”<sup>4</sup> o Evangelho. Impulsionado pelo Concílio, Paulo VI desejou acordar a Igreja para a sua missão primeira: evangelizar. Estudar, isto é, perscrutar, sondar o modo de fazer chegar ao homem de nosso tempo o núcleo do Evangelho, o Reino de Deus.<sup>5</sup> Dominava-o o desejo de que a evangelização fosse um anúncio infatigável do Evangelho a todos os homens, para que todos fossem revestidos de Cristo (cf. Ef 4,24; 2,15; Cl 3,10, Gl 3,27) e reconciliados com Deus (Rm 13,14; 2Cor 5,17).<sup>6</sup>

A Evangelização é “um impulso novo, capaz de suscitar, numa Igreja ainda mais arraigada na força e na potência imorredouras do Pentecostes, tempos novos de evangelização”,<sup>7</sup> insistia o Beato João Paulo II. No discurso inaugural da Conferência de Santo Domingo, ele afirmou que a *nova evangelização* era a ideia central de toda a temática a ser refletida.<sup>8</sup> Deu ênfase à “novidade” da ação evangelizadora: “afeta a atitude, o estilo, o esforço e a programação ou, como o propus em Haiti, *o ardor, os métodos e a expressão*.”<sup>9</sup>

Certamente para que não permanecessem apenas três expressões, ou três conceitos, indicou a dinâmica e as implicações do *ardor*, dos *métodos* e do modo de *expressão*:

1. “Uma evangelização nova no seu *ardor* supõe uma fé sólida, uma caridade pastoral intensa e uma fidelidade a toda prova que, sob o influxo do Espírito, gere uma mística, um incontido

<sup>3</sup> PAULO PP. VI, *Discurso ao Sacro Colégio dos Cardeais* (22 de junho de 1973): AAS 65 (1973), p. 383.

<sup>4</sup> Idem.

<sup>5</sup> Ibidem.

<sup>6</sup> PAULO PP. VI, *Evangelii nuntiandi*, 2.

<sup>7</sup> PAULO PP. VI, *Evangelii nuntiandi*, 3.

<sup>8</sup> JOÃO PAULO PP. II, *Discurso de abertura da IV Conferência Geral do Episcopado Latino-americano*, Santo Domingo, 6.

<sup>9</sup> Idem, 10.



entusiasmo na tarefa de anunciar o Evangelho. Na linguagem neotestamentária, é a “*parresía*” que inflama o coração do apóstolo (cf. At 5,28-29; cf. *Redemptoris missio*, 45). Esta “*parresía*” há de ser também o selo do vosso apostolado na América. Nada vos pode fazer calar. Sois *arautos da verdade*. A verdade de Cristo há de iluminar as mentes e os corações com a ativa, incansável e pública proclamação dos valores cristãos.”<sup>10</sup>

2. Há necessidade de examinar melhor “os novos tempos”. Eles “exigem que a mensagem cristã chegue ao homem de hoje, mediante *novos métodos* de apostolado”.<sup>11</sup>
3. O Evangelho, a vida do Evangelho pede que “seja *expressada* numa linguagem e forma acessíveis ao homem latino-americano, necessitado de Cristo e sedento do Evangelho: como tornar acessível, penetrante, válida e profunda a resposta ao homem de hoje, sem alterar ou modificar em nada o conteúdo da mensagem evangélica? Como chegar ao coração da cultura que queremos evangelizar? Como falar de Deus num mundo em que está presente um processo crescente de secularização?”<sup>12</sup>

Ao propor uma nova evangelização, João Paulo II afirmava que não “consiste num ‘novo evangelho’, que surgiria sempre de nós mesmos, da nossa cultura ou da nossa análise, sobre as necessidades do homem.”<sup>13</sup> A responsabilidade da nova evangelização “nasce da responsabilidade pelo dom que Deus nos fez em Cristo, pelo qual temos acesso à verdade sobre Deus e sobre o homem, e à possibilidade da vida verdadeira.”<sup>14</sup>

O ponto de partida da nova evangelização é Cristo, “riqueza insondável” (Ef 3,8), único a quem podemos recorrer “para enriquecer-nos”.<sup>15</sup> Ele é a nossa riqueza e a riqueza de toda a Igreja, de todas as pessoas que dele se aproximem. “O próprio Cristo, sua pessoa, porque Ele mesmo é a nossa salvação. Nós, homens de qualquer época e de qualquer cultura, aproximando-nos d’Ele mediante a fé e a incorporação ao seu Corpo, que é a Igreja, podemos encontrar a resposta àquelas perguntas, sempre antigas e sempre novas, que se nos apresentam, no mistério da

<sup>10</sup> Ibidem, 10.

<sup>11</sup> Ibidem, 10.

<sup>12</sup> Ibidem, 10.

<sup>13</sup> Ibidem, 6.

<sup>14</sup> Ibidem, 6.

<sup>15</sup> Cf. ASSEMBLEIA Especial do Sínodo dos Bispos da Europa, *Declaração final*, 3.



nossa existência, e que de modo indelével levamos gravadas em nosso coração desde a criação e desde a ferida do pecado.”<sup>16</sup>

A novidade é o Evangelho, é Jesus Cristo, a sua vida, morte e ressurreição! Ele é “sempre o mesmo: ontem, hoje e sempre”. Por isso, citando a *Evangelii nuntiandi* afirmava: “não haverá nunca evangelização verdadeira se o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o Reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus, não forem anunciados”.<sup>17</sup>

Ainda nesse discurso em Santo Domingo, João Paulo II indica algumas dimensões importantes para a nova evangelização: a centralidade da pessoa humana, da pessoa toda e de toda a pessoa, a comunidade, a Palavra de Deus, a celebração litúrgica participada. Mas também a *religiosidade popular*, com seus extraordinários valores de fé e de piedade, de sacrifício e de solidariedade, indica o caminho da nova evangelização.<sup>18</sup>

Talvez pudéssemos afirmar que o grande desejo de João Paulo II foi que a *nova evangelização* fosse uma resposta integral, incisiva e ágil, que fortalecesse a fé católica, nas suas verdades fundamentais, nas suas dimensões individuais, familiares e sociais, tornando-se anúncio, testemunho.<sup>19</sup> Sem esquecer a insistência de Paulo VI, João Paulo II viu a necessidade do novo *ardor*, dos novos *métodos e* do novo modo de *expressão*.

Por sua vez, ao convocar um Sínodo que refletisse a nova Evangelização, o Papa Bento XVI também dava continuidade ao caminho iniciado por Paulo VI. Tendo diante dos olhos a celebração dos 50 anos do Concílio Ecumênico Vaticano II e a celebração Ano da Fé, ele convocou a XIII Assembleia Ordinária do Sínodo dos Bispos, com o tema: *A Nova Evangelização para a transmissão da fé cristã*.

Na homilia da Missa de abertura da Assembleia Sinodal, indicou o caminho da reflexão e discussão. Convidou os participantes do Sínodo a aceitarem o “convite para fixar o olhar no Senhor Jesus, «coroados de glória e honra, por ter sofrido a morte» (*Hb 2,9*). A Palavra de Deus nos

<sup>16</sup> JOÃO PAULO PP. II, *Discurso de abertura da IV Conferência Geral do Episcopado Latino-americano*, Santo Domingo, 6.

<sup>17</sup> PAULO PP. VI, *Evangelii nuntiandi*, 22.

<sup>18</sup> JOÃO PAULO PP. II, *Discurso de abertura da IV Conferência Geral do Episcopado Latino-americano*, Santo Domingo, 12.

<sup>19</sup> Cf. *Idem*, 11.



coloca diante do Crucificado glorioso, de modo que toda a nossa vida e, em particular, o compromisso desta assembleia sinodal, se desenrole na presença d'Ele e à luz do seu mistério. A evangelização, em todo tempo e lugar, teve sempre como ponto central e último Jesus, o Cristo, o Filho de Deus (cf. Mc 1,1); e o Crucificado é por excelência o sinal distintivo de quem anuncia o Evangelho: sinal de amor e de paz, chamada à conversão e à reconciliação.”<sup>20</sup> Portanto, a nova evangelização para a transmissão da fé tem como fonte, razão e fundamento, Jesus Cristo, o Filho de Deus. Ele é o Evangelho, a Boa notícia que chama à conversão e à reconciliação. De fato, a conversão foi lembrada como uma das dimensões vitais da nova evangelização para a transmissão da fé na aula sinodal.

A Igreja existe para evangelizar, insistiu Bento XVI, retomando a *Evangelii Nuntiandi* de Paulo VI. A razão da existência da Igreja, a vida da Igreja é evangelizar. Era necessário fazer ecoar mais uma vez que a missionariedade é a alma da Igreja.

A evangelização manifesta-se como a evangelização ordinária e como a missão *ad gentes*. Esta, é a proclamação do Evangelho para aqueles que ainda não conhecem a Jesus Cristo e a Sua mensagem de salvação, enquanto a missão ordinária é a presença evangelizadora na vida cotidiana da Comunidade. Entretanto, a *nova evangelização* poderia ser entendida como destinada principalmente às pessoas que, embora batizadas, se distanciaram da Igreja e vivem sem levar em conta a prática cristã.<sup>21</sup> Assim, a Assembleia sinodal deveria ser dedicada à nova evangelização para ajudar as pessoas batizadas que não participam efetivamente da comunidade eclesial a terem um novo encontro com o Senhor. A nova evangelização deveria “favorecer a redescoberta da fé, a fonte de graça que traz alegria e esperança na vida pessoal, familiar e social.”<sup>22</sup> Por outro lado, a nova evangelização “não deve diminuir nem o impulso missionário, em sentido próprio, nem as atividades ordinárias de evangelização nas nossas comunidades cristãs. Na verdade, os três aspectos da única realidade de evangelização se completam e se fecundam mutuamente”,<sup>23</sup> dizia o Papa.

<sup>20</sup> BENTO XVI PP. *Homilia*, Missa de abertura da XIII Assembleia Ordinária do Sínodo dos Bispos, 7 de outubro de 2012.

<sup>21</sup> Cf. *Idem*.

<sup>22</sup> *Ibidem*.

<sup>23</sup> *Ibidem*.





Para a discussão e a reflexão do Sínodo, Bento XVI apontou ainda a *santidade* como caminho da nova evangelização. Abriu os olhos para a necessária humildade e a consciência da nossa fragilidade diante do pecado pessoal e comunitário. Nesse sentido, a evangelização, a nova evangelização, é deixar-se “reconciliar com Deus e com o próximo” (cf. 2 *Cor* 5,20), a reconciliação constituindo a via mestra da nova evangelização. “Só purificados, os cristãos podem encontrar o legítimo orgulho da sua dignidade de filhos de Deus, criados à Sua imagem e redimidos pelo sangue precioso de Jesus Cristo, e podem experimentar a sua alegria para compartilhá-la com todos, os *de perto* e os *de longe*.”<sup>24</sup>

Esses, alguns sinais do caminho percorrido para chegar à celebração do Sínodo: *A Nova Evangelização para a transmissão da fé cristã*. O caminho indica que a razão da Nova evangelização é a transmissão da fé. A transmissão da fé está no centro da Nova evangelização.

### 3 A Nova Evangelização para a transmissão da fé

Evangelizar é transmitir a fé; transmitir a fé é evangelizar. Como vimos, Bento XVI indicou a Nova evangelização como caminho para evangelizar as pessoas que foram revestidas sacramentalmente de Cristo, mas que não tomam o Evangelho como caminho de vida. Ele não descuidou também de afirmar que a missão *ad gentes* deve fazer parte do cotidiano da evangelização das Comunidades.

Assim, seria importante lembrar que a transmissão da fé supõe um percurso. Como anúncio apresentamos os conteúdos da fé: Jesus Cristo como caminho, verdade e vida, o Reino de Deus. Bento XVI lembrou que “existe uma unidade profunda entre o ato com que se crê e os conteúdos a que damos o nosso assentimento”.<sup>25</sup> Os conteúdos da fé despertam para um novo horizonte, uma relação nova, uma vida nova. O anúncio é o despertar para uma presença misteriosa e deixar-se tomar por essa presença.

Nesse sentido vale rezar com Santo Anselmo: “Agora, Senhor meu Deus, ensinaí a meu coração onde e como vos procurar, onde e como vos encontrar. Senhor, se não estais aqui, se estais ausente, onde vos procurarei? E se estais em toda parte, por que não vos encontro presente? É

<sup>24</sup> Ibidem.

<sup>25</sup> BENTO XVI PP. *Porta Fidei*, 10.



certo que habitais numa luz inacessível, mas onde está essa luz inacessível e como chegarei a ela? Quem me conduzirá e nela me introduzirá para que nela eu vos veja? E depois, com que sinais e sob que aspecto vos devo procurar? Nunca vos vi, Senhor meu Deus, não conheço a vossa face.... Ensinai-me a vos procurar e mostrai-vos quando vos procuro; pois não posso procurar-vos se não me ensinais nem procurar-vos se não vos mostrais. Que, desejando, eu vos procure; procurando, vos deseje; amando, vos encontre e, encontrando, vos ame”.<sup>26</sup> Nisso está a grandeza da transmissão da fé, da evangelização.

Essa dinâmica do anúncio vem recordada na Carta apostólica *Porta Fidei*, onde lemos: “A este respeito é muito eloquente o exemplo de Lídia. Narra São Lucas que o apóstolo Paulo, encontrando-se em Filipos, num sábado foi anunciar o Evangelho a algumas mulheres; entre elas, estava Lídia. ‘O Senhor abriu-lhe o coração para aderir ao que Paulo dizia’ (At 16,14). O sentido contido na expressão é importante. São Lucas ensina que o conhecimento dos conteúdos que se deve acreditar não é suficiente, se depois o coração – autêntico sacrário da pessoa – não for aberto pela graça, que consente ter olhos para ver em profundidade e compreender que o que foi anunciado é Palavra de Deus.”<sup>27</sup>

Assim, evangelizar, anunciar Jesus Cristo é a tarefa de todo o batizado. Mas é Deus quem abre o coração, os olhos, toda a pessoa, para o encontro com Jesus Cristo.

A Nova evangelização para a transmissão da fé expressa também o que Bento XVI chamou de *professar a fé*. “Professar com a boca indica que a fé implica um testemunho e um compromisso públicos. O cristão não pode jamais pensar que o crer seja um fato privado. A fé é decidir estar com o Senhor, para viver com Ele. E este ‘estar com Ele’ introduz na compreensão das razões pelas quais se acredita. A fé, precisamente porque é um ato da liberdade, exige também assumir a responsabilidade social daquilo que se acredita.”<sup>28</sup>

No dia de Pentecostes, os apóstolos anunciaram sem temor a própria fé no Crucificado ressuscitado. Assim, é o Espírito Santo que movimenta a missão e que abre o coração. Mas também, ilumina para que todos deem razão da sua fé. Outro detalhe importante: não podemos

<sup>26</sup> SANTO ANSELMO, *Proslógion*, Opera Omnia, Cap I, 1,97-100.

<sup>27</sup> BENTO XVI PP. *Porta Fidei*, 10.

<sup>28</sup> Idem 10.



esquecer que a transmissão da fé acontece como Igreja, como Comunidade dos que creem!

## 4 Os ecos do Sínodo

Eco é um fenômeno de percussão, repercussão. Repercussão porque ação repetida da percussão. O que percute é o som emitido que se expande em formas diversas. As ondas sonoras da percussão são ouvidas em percussões diferentes. O centro irradiador do som deixa expandir, percutir pelo espaço as ondas sonoras. Como o cair suave da gota d'água no lago quieto e tranquilo que se expande em ondas, repercutindo o tocar da superfície da água.

Temos os ecos da imprensa, dos artigos, das entrevistas. Os ecos do Sínodo foram perceptíveis na *Mensagem ao Povo de Deus* pelos Padres Sinodais e as *Proposições* entregues ao Santo Padre. Além desses dois ecos mais fortes, podemos apontar outros antes de passarmos aos dois textos. Gostaria de ressaltar a criação do Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização, que recebeu o serviço da Catequese, transferido da Congregação para o Clero. O Conselho está criando diversos observatórios para acompanhar a evangelização, mas também discutir e refletir sobre as questões da realidade de hoje. Esses observatórios desejam colher as mais diferentes experiências das Igrejas particulares e dá-las a conhecer a outras igrejas.

Durante o Sínodo e logo após o Sínodo houve um notável interesse pela Nova evangelização. Muitas vezes, esse interesse buscava encontrar formas e fórmulas novas, diferentes. Naturalmente, buscando sempre métodos para a melhor transmissão da fé. Por ora, é principalmente nos documentos do Sínodo que se encontram seus ecos. Provavelmente, após a publicação do texto *pós-sinodal*, teremos mais ecos que até o momento.

**4.1. A Mensagem** traz vários ecos da sala sinodal. Uma dimensão importante é que a nova evangelização diz respeito a cada cristão “em primeira pessoa”.<sup>29</sup> Por isso, para poder evangelizar o mundo, colocamo-nos antes de tudo à escuta da Palavra

<sup>29</sup> XIII ASSEMBLEIA Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, *Mensagem ao Povo de Deus*, 5.



e aceitamos o convite à conversão. A conversão, a escuta da Palavra de Deus abrem caminhos para a evangelização.<sup>30</sup>

“A obra de evangelização não é tarefa de alguns na Igreja, mas das comunidades eclesiais como tais, onde se tem acesso à plenitude dos instrumentos do encontro com Jesus: a Palavra, os sacramentos, a comunhão fraterna, o serviço da caridade, a missão”,<sup>31</sup> nos diz a Mensagem.

A realidade de hoje é o chão fecundo da nova evangelização. O deserto é a possibilidade da flor mais singela. Os fenômenos da globalização e da secularização são “para nós oportunidades para uma dilatação da presença do Evangelho”. As migrações, as “novas formas de pobreza, abrem espaços inéditos ao serviço da caridade: a proclamação do Evangelho compromete a Igreja a estar com os pobres e a ocupar-se dos seus sofrimentos, como Jesus.” No ateísmo e no agnosticismo “podemos reconhecer, mesmo se de formas contraditórias, não um vazio, mas uma saudade, uma expectativa que espera uma resposta adequada”.<sup>32</sup>

A autenticidade da nova evangelização tem o rosto do pobre. Pôr-se ao lado de quem está ferido pela vida não é só uma prática de sociabilidade, mas o reconhecimento do próprio rosto de Cristo.<sup>33</sup>

No Sínodo estavam presentes diversos bispos vindos de regiões onde a Igreja é perseguida ou não tem a liberdade almejada. A insistência no diálogo por parte deles foi tocante. A Mensagem recolheu esse testemunho afirmando: “O diálogo entre os crentes das várias religiões quer ser uma contribuição à paz, rejeita qualquer fundamentalismo e denuncia toda a violência que se abate sobre os crentes, como grave violação dos direitos humanos. As Igrejas de todo o mundo estão próximas na oração e na fraternidade aos irmãos sofredores e pedem a quem tem nas mãos o destino dos povos que salvaguardem o direito de todos à livre escolha e à livre profissão e testemunho da fé.”<sup>34</sup>

<sup>30</sup> Idem, 5.

<sup>31</sup> Ibidem, 8.

<sup>32</sup> Ibidem, 6.

<sup>33</sup> Ibidem, 12.

<sup>34</sup> Ibidem, 10.



**4.2. As Propostas** são ecos das discussões e reflexões que ecoaram na aula sinodal. Podemos destacar alguns pontos. A Nova evangelização será “nova”, se for expressão do primeiro anúncio. *“Eu vos transmiti, antes de tudo, o que eu mesmo tinha recebido, a saber: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, foi sepultado e, ao terceiro dia, foi ressuscitado, segundo as Escrituras; e apareceu a Cefas e, depois aos Doze”* (1Cor 15,3-5). A Boa Nova, a boa notícia é Deus entre nós em Jesus Cristo. A sua morte e ressurreição faz eclodir a vida eterna. Ao modo dos Apóstolos, todo cristão anuncia a grande novidade: Em Jesus, Deus nasceu, morreu e ressuscitou. Ele é a razão de nossa esperança.

Assim, anunciar a Boa-Nova e a pessoa de Jesus é uma obrigação para todo cristão, que se funda no Evangelho: *“Ide, pois, fazei discípulos meus entre todas as nações, e batizai-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”* (Mt 28,19).<sup>35</sup>

Os Meios de Comunicação Social têm um papel importante na evangelização. Pessoas preparadas e capacitadas ajudam na transmissão da fé através dos Meios de Comunicação Social. *“Devem ter a capacidade de fazer bom uso das linguagens e das ferramentas atualmente disponíveis para a comunicação na aldeia global. A forma mais eficaz da transmissão da fé é a partilha do testemunho de vida, sem o qual os esforços na mídia não serão capazes de transmitir eficazmente o Evangelho.”*<sup>36</sup>

A nova evangelização é “o anúncio da plena libertação de tudo o que oprime o ser humano, ou seja, o pecado e suas consequências. Sem um sério compromisso com a vida e a justiça, e sem uma mudança das situações que geram pobreza e exclusão, não pode haver progresso.”<sup>37</sup> Diante dos desafios da globalização, esse anúncio torna-se ainda mais urgente.

Apesar de não fazer propostas de como evangelizar no contexto urbano, a proposição 25 indica um caminho: *“Identificar e compreender as experiências, as linguagens e estilos de vida que são típicos das sociedades urbanas”*.

<sup>35</sup> XIII ASSEMBLEIA Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, *Proposições*, 12.

<sup>36</sup> *Idem*, 18.

<sup>37</sup> *Ibidem*, 19.



A nova evangelização se expressa na opção pelos pobres. “Existem novos pobres e novas formas de pobreza: os famintos e os sem teto, os dependentes do uso de drogas, os migrantes, os marginalizados, os refugiados políticos e “ecológicos”, os povos indígenas. (...) Entre os mais pobres da sociedade, estão as vítimas da triste perda de respeito pela dignidade inviolável da vida humana inocente.”<sup>38</sup>

A Igreja particular é o sujeito da Nova Evangelização. Ela é a manifestação concreta da Igreja de Cristo e, como tal, inicia, coordena e realiza as ações através das quais se implementa a Nova Evangelização “em um projeto missionário orgânico, capaz de comunicar a plenitude da vida cristã a todos”.<sup>39</sup> Na Igreja particular e na paróquia, os leigos têm um papel fundamental na Nova evangelização, pois cooperam na obra de evangelização da Igreja como testemunhas e, ao mesmo tempo, como instrumentos vivos. “Eles partilham a sua missão salvífica.”<sup>40</sup> Nesse sentido, os jovens não são somente destinatários, mas também agentes da evangelização.<sup>41</sup>

“As comunidades eclesiais abram uma espécie de Átrio dos Gentios, onde crentes e não crentes possam dialogar sobre questões chave: os grandes valores da ética, da arte e da ciência, e a busca do transcendente. Este diálogo se dirige em particular àqueles para quem a religião é algo estranho, para os quais Deus é desconhecido e que, apesar disso, não querem estar simplesmente sem Deus’.”<sup>42</sup>

## 5 Os ecos no Sínodo

Os ecos no Sínodo é que possibilitaram os ecos do Sínodo. Ecoaram na Sala sinodal as buscas, as indagações, as dúvidas, as experiências das igrejas nos diversos continentes. Poderíamos afirmar que a força, a dinâmica do Sínodo foi a vida das Igrejas nos continentes. Houve: reflexão, questionamento, proposições, análise do tempo que vivemos, troca

<sup>38</sup> Ibidem, 31.

<sup>39</sup> Cf. Ibidem.

<sup>40</sup> Ibidem, 45.

<sup>41</sup> Ibidem, 51.

<sup>42</sup> Ibidem, 55.



de experiências. Não havia respostas, soluções determinadas, acabadas, prontas. Foi um ecoar. E muitos ecos permaneceram ecos. Não houve aprofundamento, não todos foram compreendidos, entendidos, registrados. Não se encontram nas “Propostas” ou “Proposições”.

O interesse suscitado pelo documento de Aparecida foi grande. As intervenções no plenário feitas pelos bispos da América Latina e Caribe mostraram a importância das conclusões do Documento de Aparecida. Citado continuamente, despertou em muitos Padres sinodais o desejo de conhecer essas conclusões. O Documento traduz, busca “concretizar” o *ardor*; os *métodos* e o modo de *expressão* de uma Nova evangelização para transmissão da fé. O ardor que o encontro suscita leva o discípulo-missionário a “responder à vocação recebida e comunicar em toda parte, transbordando de gratidão e alegria, o dom do encontro com Jesus Cristo” (DAP, 14). O ardor é que leva o discípulo/a missionário a ser instrumento do Espírito de Deus na Igreja. O ardor suscita o desejo de que “Jesus Cristo seja encontrado, seguido, amado, adorado, anunciado e comunicado a todos, não obstante todas as dificuldades e resistências” (DAP, 14). O ardor desperta o desejo de transmitir a fé e encontra métodos, modos de transmitir o tesouro do coração.

Aparecida tem indicações preciosas como método. O ardor é criativo, dinâmico. A conversão pessoal e a conversão pastoral são elementos importantes sublinhados por Aparecida: “A conversão pastoral de nossas comunidades exige que se vá além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária. Assim, será possível que ‘o único programa do Evangelho siga introduzindo-se na história de cada comunidade eclesial’<sup>43</sup> com novo ardor missionário, fazendo com que a Igreja se manifeste como uma mãe que vai ao encontro, uma casa acolhedora, uma escola permanente de comunhão missionária (DAP, 370).

Há a exigência de um novo modo de anúncio, mas também um novo modo de presença de Igreja que torna as pessoas mais próximas. O papa Francisco tem recordado a maternidade da Igreja: ela evangeliza com a presença, não com documentos. “Levando em consideração as dimensões de nossas paróquias, é aconselhável a setorização em unidades territoriais menores, com equipes próprias de animação e de coordenação que permitam uma maior proximidade com as pessoas e grupos que vivem na região. É recomendável que os agentes missionários promo-

<sup>43</sup> Ibidem, 12.



vam a criação de comunidades de famílias que fomentem a colocação em comum de sua fé cristã e das respostas aos problemas” (DAP, 372). O novo no método pode ser identificado como a atenção às realidades diversificadas, às comunidades menores, à setorização das paróquias, mas, especialmente, à relação próxima das pessoas e comunidades.

“Nova na expressão” é a nova linguagem que o papa Francisco chamou de cultura do encontro.<sup>44</sup> O encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo desperta discípulos e missionários. Homens e mulheres novos que encarnam a tradição e a novidade do Reino e são protagonistas de uma vida nova (cf. DAp, 11). A vida do Evangelho não pode ser “reduzida a conhecimento, a um elenco de algumas normas e de proibições, a práticas de devoção fragmentadas, a adesões seletivas e parciais das verdades da fé, a uma participação ocasional em alguns sacramentos, à repetição de princípios doutrinários, a moralismos brandos ou crispados que não convertem a vida dos batizados” (DAp, 12).

A todos toca “recomeçar a partir de Cristo”<sup>45</sup>, reconhecendo que “não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva”<sup>46</sup> (DAp, 12).

“Novas expressões” que superam a linguagem da Cristandade, mas também a linguagem da moral. Bento XVI, falando aos jovens austríacos, afirmou que o cristianismo é mais que uma moral, ou ser cristão é mais que moral (*Christentum ist mehr als moral*). O encontro com uma pessoa é que dá sentido, vigor, dinamismo a uma existência. Por uma pessoa vale dar a vida, mas também criar a linguagem que Bento XVI chamou de movimento da caridade.

*A formação do cristão* ecoou muitas vezes na sala sinodal. Formação como iniciação à vida cristã, mas também como movimento de uma vida a ser consumada. Formação válida e necessária para todos os membros do Povo de Deus. Todos estamos sempre em formação, em maturação. Na vida do Evangelho não há etapas, mas processo existencial.

Se a missão da Igreja é evangelizar e, por isso, transmitir a fé, o documento de Aparecida recorda uma Igreja em estado permanente de missão. A Igreja toda é missionária. Toda pessoa batizada recebe como

<sup>44</sup> FRANCISCO PP., *Discurso aos Bispos do Brasil presentes na JMJ*, Rio 2013.

<sup>45</sup> Cf. NMI 28-29.

<sup>46</sup> DCE 1.





missão evangelizar. Toda pessoa batizada é uma discípula missionária. Depois de Aparecida, quantas expressões de missão nasceram na Igreja que está no Brasil! As missões populares, as visitas às famílias, as semanas missionárias, as experiências missionárias dos seminaristas, o envio de leigos para regiões missionárias. O espírito missionário ecoou forte na sala sinodal.

Um dos ecos fortes no Sínodo foi o que as nossas “Diretrizes para Ação Evangelizadora 2011-2015”, denominam *marcas do nosso tempo*. “Vivemos um tempo de transformações profundas, que afetam não apenas este ou aquele aspecto da realidade, mas a realidade como um todo, chegando aos critérios de compreensão e julgamento da vida” (Doc 94 nº 19). Estamos vivendo transformações e mudanças que atingem todos os setores da vida humana, de modo que já não vivemos uma “época de mudanças, mas uma mudança de época”.<sup>47</sup> O que antes era certeza, até bem pouco tempo, servindo como referência para viver, tem-se mostrado insuficiente para responder a situações novas, deixando as pessoas sem rumo e sem sentido.<sup>48</sup>

Ficou evidente durante o Sínodo que vivemos uma mudança de época. A insistência nesse ponto, com enfoques diversos, deve levar a Igreja a buscar caminhos para compreender o tempo em que vive, mas também a necessidade de aprofundar a razão de seu existir e de sua presença no mundo presente.

Apesar de lembrado, não houve uma abordagem explícita no que diz respeito à ciência e à técnica. Talvez não tenhamos intuído suficientemente a força de mudança que a ciência e a técnica proporcionam e agora, ainda mais, com o mundo virtual. A ciência, a técnica, o virtual, indicam um modo de ser. É mais que experimentos, é mais que técnicas, é mais que meios virtuais. É um modo de ser, um modo de relação, um modo de compreensão de todas as realidades.

Nosso tempo é o fim de um tempo, a procura de um tempo, o advir de um tempo. É justamente nesse tempo em que se pensa tudo dominar e saber, de tudo solucionar, de colocar tudo nas nuvens, que nos é dado ser cristão. Talvez, nosso anúncio ainda esteja impregnado de seguranças que não são da fé; talvez, as razões da nossa fé ainda não sejam suficientemente razoáveis. A ciência, a técnica e a virtualidade exigem de nós

<sup>47</sup> DGAE 2088-2010, n. 13.

<sup>48</sup> DGAE 2088-2010, n. 21.



mais discussão, reflexão, estudo, silêncio, meditação... mais teologia. O anúncio de uma moral terá pouca incidência existencial; ilumina pouco as dores, os sofrimentos, as cruzes do tempo de hoje.

Estar na escuta, na ausculta do seguimento de Jesus Cristo, num discipulado missionário: eis o caminho da Nova evangelização para a transmissão da fé.

## Conclusão

“A boa notícia é como ‘água fresca para uma alma sedenta’. Pois é verdade que Deus dá seu reino dos céus por um gole de água fresca a um bom coração.”<sup>49</sup> É impossível que o homem de hoje não tenha sede de Deus. A boa notícia, o Evangelho, Jesus Cristo Crucificado-ressuscitado é como água fontal, límpida e transparente. Nisso está a missão da Igreja: levar a boa notícia como água de fonte. “É a água do poço que faz florir o deserto”.<sup>50</sup>

O papa Francisco tem manifestado a importância do Documento de Aparecida para a Igreja. Podemos afirmar que abre rumos para o futuro da Igreja, isto é, para a Nova evangelização. Aparecida indica o ardor, o método e a linguagem. Ao vermos e ouvirmos e ao ouvirmos e vermos, vamo-nos dando conta de que *a cultura do encontro* é imprescindível e fundamental para qualquer evangelização, portanto, também para a Nova evangelização. Transmitir a fé é ajudar o homem de hoje na percepção de que foi encontrado, amado: “*Não fostes vós que me escolhestes, fui eu que vos escolhi e vos designei para dardes fruto*” (Jo 15,16). O Encontro é que faz acontecer o discipulado e a missionariedade. O discipulado, e a própria evangelização, a missão, nascem do encontro.

Como é importante lembrar o que nos disse o papa Francisco: “O discipulado missionário é vocação: chamada e convite. Acontece em um ‘hoje’, mas ‘em tensão’. Não existe o discipulado missionário estático. O discípulo missionário não pode possuir-se a si mesmo; a sua imanência está em tensão para a transcendência do discipulado e para a transcendência da missão. Não admite a auto-referencialidade: ou refere-se a Jesus Cristo ou refere-se às pessoas a quem deve levar o anúncio

<sup>49</sup> MESTRE ECKHART, *Sermões alemães II*, Editora Universitária S. Francisco, Editora Vozes, 2008, Sermão 87.

<sup>50</sup> XIII ASSEMBLEIA Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, *Mensagem*, 14.



dele. É sujeito que se transcende. Sujeito projetado para o encontro: o encontro com o Mestre (que nos unge discípulos) e o encontro com os homens que esperam o anúncio.”<sup>51</sup>

A proximidade, a maternidade, o cuidado, o pastoreio, contêm o método da Nova evangelização. Não bastam os meios de comunicação à nossa disposição. A transmissão da fé é sempre relação, é pessoal, pessoa a pessoa. Ela possibilita o encontro entre pessoas, encontro que estabelece uma relação nova que cria novo céu e nova terra. Aparecida, ao insistir na missionariedade que nasce do encontro, indica o método de sair, ir ao encontro, pois esse é o modo do amor, de Deus.

“A posição do discípulo missionário não é uma posição de centro, mas de periferia: vive em tensão para as periferias... incluindo as da eternidade no encontro com Jesus Cristo. No anúncio evangélico, falar de ‘periferias existenciais’ descentraliza e, habitualmente, temos medo de sair do centro. O discípulo-missionário é um descentrado: o centro é Jesus Cristo, que convoca e envia. O discípulo é enviado para as periferias existenciais.”<sup>52</sup>

É nesse sentido que o método e a linguagem mudam insistentemente, pois “a Igreja é instituição, mas, quando se erige em ‘centro’, se funcionaliza e, pouco a pouco, se transforma em uma ONG. Então, a Igreja pretende ter luz própria e deixa de ser aquele ‘*mysterium lunae*’ de que nos falavam os Santos Pais. Torna-se cada vez mais autorreferencial, e se enfraquece a sua necessidade de ser missionária. De ‘Instituição’ se transforma em ‘Obra’. Deixa de ser Esposa, para acabar sendo Administradora; de Servidora se transforma em ‘Controladora’. Aparecida quer uma Igreja Esposa, Mãe, Servidora, facilitadora da fé e não controladora da fé.”<sup>53</sup>

A Nova evangelização para a transmissão da fé tem seus ecos. O eco maior que podemos perceber é o modo de ser do Bispo de Roma. Ela é o eco daquele desejo de vem do Apóstolo Paulo: “*continuo correndo para alcançá-lo, visto que eu mesmo fui alcançado pelo Cristo Jesus*” (Fl 3,8-9;12). Como não anunciar Aquele que me procurou e amou?<sup>54</sup>

<sup>51</sup> FRANCISCO PP., *Encontro com os Dirigentes do CELAM*, JMJ RIO, 28 de julho de 2013, 5,1.

<sup>52</sup> Idem, 5,1.

<sup>53</sup> Idem, 5,2.

<sup>54</sup> Cf. SÃO BERNARDO, *Sermões sobre o Cântico dos Cânticos*, n.º 84.



No perscrutar do nosso tempo, no estudo da teologia e da filosofia, abramo-nos para a grandeza da Boa notícia: Deus conosco. O ardor, os métodos e a linguagem brotarão desta fonte inesgotável do encontro. Obrigado.

*E-mail do Autor:*  
secgeral@cnbb.org.br